

Representações sociais do assédio sexual para mulheres estudantes universitárias

Social Representations of Sexual Harassment for Female University Students

Tatiani Eberhardt Ramos¹
Thalia Aguiar Cintra²
Maiara Leandro³
Marieli Mezari Vitali⁴
Camila Maffioletti Cavaler⁵

74

Resumo: A prática do assédio sexual é um tipo de violência contra mulheres e pode estar presente em diferentes contextos, como o transporte público, o trabalho, as universidades e as ruas. Neste estudo, adotou-se como objetivo compreender as representações sociais sobre o assédio sexual para mulheres estudantes de Instituições de Ensino Superior e possíveis experiências vivenciadas por elas. Trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória e descritiva com abordagem qualitativa, realizada de forma online através de um questionário no google forms. A análise dos dados qualitativos foi realizada com análise de conteúdo categorial. Foi aplicado um questionário online com questões associadas à representação social do assédio, experiências e perguntas sociodemográficas. Participaram da pesquisa 98 mulheres com idades entre 18 e 60 anos. Em relação às experiências vivenciadas foi possível identificar o tipo de assédio sexual do qual as participantes já foram vítimas, os impactos em sua saúde mental e o tipo de ajuda a que elas recorreram. Os resultados qualitativos foram agrupados em quatro categorias: tipificações, desrespeito, sentimentos de aversão e naturalização do assédio, que

¹ Graduada em Psicologia; Faculdades ESUCRI; R. Gonçalves Lêdo, 185 - Centro, Criciúma - SC, <https://orcid.org/0009-0002-3331-624x>, tatianiramos@outlook.com

² Graduada em Psicologia; Faculdades ESUCRI; R. Gonçalves Lêdo, 185 - Centro, Criciúma - SC, <https://orcid.org/0009-0006-76476517>, thaliaaguiarcintra@gmail.com

³ Doutora em Psicologia; Faculdades ESUCRI; Universidade Federal de Santa Catarina; R. Gonçalves Lêdo, 185 - Centro, Criciúma - SC, <https://orcid.org/0000-0002-4881-5546>, maiaraleandro.psico@gmail.com

⁴ Mestre em Psicologia; Universidade Federal de Santa Catarina; Sapienza University of Rome; R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n - Trindade, Florianópolis - SC, <https://orcid.org/0000-0003-0052-7788>, marielimezari@gmail.com

⁵ Doutora em Psicologia, Universidade do Extremo Sul Catarinense; Av. Universitária, 1105 - Universitário, Criciúma - SC, <https://orcid.org/0000-0003-2417-8017>, camilamaffioletti@hotmail.com

Recebido em 05/05/2025

Aprovado em: 02/08/2025

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



informam as representações sociais das mulheres participantes em relação ao assédio sexual. Tais representações podem ser lidas como uma denúncia do assédio nos espaços universitários e seus arredores, bem como o sentimento de repulsa das participantes em relação a tais atos. Considera-se que políticas educativas/reflexivas com base nos estudos de gênero sejam necessárias para a modificação dessa realidade social.

Palavras-chave: Assédio Sexual. Mulher. Universidade. Representações Sociais.

Abstract: The practice of sexual harassment is a form of violence against women and can occur in various contexts, such as public transportation, workplaces, universities, and public spaces. This study aimed to understand the social representations of sexual harassment among female students in Higher Education Institutions and to explore their possible lived experiences. It is an exploratory and descriptive research study with a qualitative approach, conducted online through a Google Forms questionnaire. The qualitative data were analyzed using categorical content analysis. An online questionnaire was applied with questions related to the social representation of harassment, personal experiences, and sociodemographic information. A total of 98 women aged between 18 and 60 participated in the study. Regarding their lived experiences, it was possible to identify the type of sexual harassment the participants had been subjected to, the impacts on their mental health, and the type of support they sought. The qualitative results were grouped into four categories: typifications, disrespect, feelings of aversion, and normalization of harassment, which reflect the social representations of sexual harassment among the participating women. These representations can be understood as a denunciation of harassment in university spaces and their surroundings, as well as the participants' feelings of repulsion toward such acts. It is considered that educational and reflective policies based on gender studies are necessary to change this social reality.

Keywords: Sexual Harassment. Women. University. Social Representations.

1 Introdução

A O assédio sexual é uma ação sensual ou sexual que pode ser explícita ou implícita e ocorre sem autorização da vítima. O mesmo pode ser manifestado de diversas maneiras sendo algumas delas comentários e carícias (ZORZO; SOLDATTI H.; SOLDATTI A., 2020). Para Bezerra e Clipes (2017), o assédio sexual é caracterizado como crime, uma prática ilícita que se opõe aos princípios da ética e moralidade pré-estabelecidas pela sociedade e mesmo assim presenciados em diversas relações e ambientes, tanto públicos quanto privados.

A prática do assédio sexual pode se fazer presente em várias formas de relações sociais, sendo alguns exemplos, o âmbito acadêmico, profissional, hospitalar e religioso, assim como pode ocorrer entre pessoas do mesmo gênero (PAMPLONA FILHO, 2009). Além de ocorrer de forma presencial, atualmente existe a presença do assédio sexual digital em comentários de publicações nas redes sociais, por mensagem, ligação, através do compartilhamento, dentre outras ações que possuem os mesmos impactos de importunação nas vítimas (AFONSO, 2023).

Segundo Luz, Nunes e Pacheco (2022) com a inserção da mulher no mercado de trabalho o assédio sexual passou a se fazer presente também dentro das organizações. O mesmo ocorre através de atos como condição para manter o emprego ou progressão de carreira da vítima, assim como com o intuito de insultar, humilhar e intimidar. O assédio sexual acaba desencadeando uma série de problemas psicológicos, podendo interferir nas relações de trabalho ou no âmbito pessoal, sendo problemas psíquicos que podem durar longos períodos (SILVA, 2020). As consequências psicológicas desse ato envolvem sintomas depressivos, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático, traumas emocionais, perturbação de sono, irritabilidade, dentre outros (LUZ; NUNES; PACHECO, 2022).

O assédio sexual é considerado um tipo de violência contra a mulher, a qual é definida como qualquer ato baseado em gênero que provoca danos ou sofrimentos. Os tipos de violências vivenciadas pelas mulheres são a física, psicológica, sexual (onde se encontra o assédio que tratamos neste estudo), moral e patrimonial. Estimativas apontam que as violências matam mais mulheres do que doenças como o câncer, sendo assim uma questão de saúde pública (GOMES; MINAYO; SILVA 2005).

Desde a década de 1970, muitas conquistas foram alcançadas como resultado das lutas dos movimentos feministas. Assim foram sendo criadas políticas públicas e leis com o intuito de amparar as mulheres através de programas nacionais envolvendo a área social, justiça, educação e assistência. Em épocas passadas, a educação das mulheres era instrumentalizada dentro de casa, voltada para o gerenciamento do lar e da família. Devido a desigualdade de gênero, as mulheres não tinham acesso à educação regular e eram as únicas responsáveis pelo trabalho doméstico.

O acesso da mulher à educação e instituições de ensino superior se deu através de conquistas obtidas por meio de lutas e manifestações, como o Decreto-Lei nº 7.247/1879 em que as mulheres passaram a ter direito de ingressar em uma universidade. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), 21,3% das mulheres têm ensino superior, número menor entre os homens, onde apenas 16,8% deles atingiram nível de escolaridade equivalente. No entanto, ainda que importantes avanços tenham sido alcançados, às mulheres continuam ocupando posições subalternas aquelas ocupadas por homens, um exemplo disso se dá na ocupação de cargos de gerência, pois ainda que as mulheres tenham maior escolaridade, somente 39% delas ocupam estes cargos (IBGE, 2023). Além disso, a divisão desigual do trabalho doméstico entre homens e mulheres - elas dedicam 21,3 horas por semana enquanto eles dedicam 11,7 horas (IBGE, 2023) - onera as mulheres e pode diminuir

sua produtividade no mercado de trabalho formal e, especialmente, reduzir sua participação política.

Cabe acrescentar que o Brasil apresenta alto índice de violência contra meninas e mulheres. Segundo dados do relatório “Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil”, no ano de 2022, 35 mulheres foram agredidas por minuto, 18,6 milhões relataram ter sido vítimas de algum tipo de violência, quase seis milhões sofreram ofensas sexuais ou violência sexual consumada. Em relação a situações de assédio, 30 milhões de mulheres (46,7% das brasileiras) afirma ter sofrido alguma forma de assédio no ano de 2022. Os casos se distribuem em cantadas e comentários desrespeitosos na rua, com 41% de ocorrências; cantadas e comentários desrespeitosos no ambiente de trabalho, com 18,6%; assediadas fisicamente no transporte público, com 12,8% e abordadas de maneira agressiva em uma festa, com 11,2% de ocorrências. Os números retratam o maior índice de assédio registrado desde a criação do relatório (FBSP, 2023).

Pesquisadoras feministas atribuem a manutenção das condições desiguais entre homens e mulheres e o contínuo aumento da violência a estrutura patriarcal de gênero, que ao longo da história fez com que as mulheres fossem vistas como pertencentes aos homens, usando a estrutura biológica feminina como forma de dar sentido para relações desiguais de poder (Scott, 1989). O patriarcado é um sistema que posiciona os homens em hierarquias superiores às mulheres nas esferas públicas e privadas, o que favorece a subordinação e opressão delas (DIOTTO; PIRES; SOUTO, 2017; GOMES et al., 2013; OLIVEIRA, 2017; SANT’ANNA; PENSO, 2017). Esse sistema é atravessado por representações sociais sobre o que é “ser homem” e “ser mulher”.

A teoria das representações sociais surgiu na década de 1960, a partir do rompimento com o modelo behaviorista da psicologia social psicológica predominante nos Estados Unidos, e tem como fundador Serge Moscovici, sendo seu marco inicial a publicação do livro intitulado *La Psychanalyse, son Image et son Public* (1961). A teoria das representações sociais surgiu como forma de subverter o modelo de psicologia social individualista que predominava nos estudos da época (ALMEIDA, SANTOS, & TRINDADE, 2014).

As representações sociais, para Moscovici (1978, p.41) “são entidades quase tangíveis. Elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano”. O representar ou rerepresentar é o ato do pensamento em que se remete necessariamente a um objeto, fenômeno, pessoa, ideia, teoria, etc. (JODELET, 2001). Ao formar uma representação de determinado objeto, o sujeito está

vinculando-o a seu sistema de valores, para construir formas de se orientar no meio social, assim decifrando-o, para predizê-lo e antecipar seus atos (COUTO, 2000). Para Jodelet (2001), as representações sociais são fenômenos complexos ativos na vida social, e possuem diversos elementos que podem ser estudados juntos de modo isolado, sendo eles: informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens, etc.

O fenômeno das representações sociais segundo Jodelet “é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (2001, p. 22). Este conhecimento é designado como saber de senso comum, diferenciando-se do conhecimento científico (JODELET, 2001). Deste modo, as representações sociais são criadas para que as pessoas compreendam o mundo à sua volta e são sociais porque o mundo é compartilhado (ROCHA, 2014).

Segundo um estudo realizado por Pereira Neto (2020), que apresenta as representações sociais e assédio sexual no contexto universitário, os conceitos sobre o assédio dentre os estudantes se alteram conforme o contexto vivenciado, assim como confirma que é um tema que recebe pouca atenção das instituições de ensino superior. Outra pesquisa apresenta que os participantes correlacionam o assédio moral e o assédio sexual às relações de gênero no ambiente de trabalho o que acarreta prejuízo no desempenho pessoal e profissional, uma vez que o sujeito aterrorizado psicologicamente, não consegue desempenhar bem seu papel (TAVARES; NERY; MARTINS, 2018).

Deste modo, buscar entender os pensamentos e crenças sobre o assédio sexual e as vivências das universitárias dentro das instituições de ensino superior, viabilizará discutir sobre este tema no contexto onde elas estão inseridas. Para isso, essa pesquisa teve por objetivo compreender as representações sociais sobre o assédio sexual para mulheres estudantes de Instituição de Ensino Superior (IES) e possíveis experiências vivenciadas por elas.

2 Materiais e Métodos

Esta pesquisa é de natureza exploratória e descritiva com abordagem qualitativa. De acordo com Gil (2002) as pesquisas exploratórias buscam desenvolver, compreender e adaptar conceitos e ideias na elaboração de problemas e possibilidades pesquisáveis, enquanto as pesquisas de natureza descritiva buscam descrever as características de determinada sociedade ou acontecimento. E qualitativa, pois se preocupa com o entendimento de um grupo social, buscando saber o motivo das coisas e obter novas informações através dos retornos da pesquisa, o foco está na compreensão e esclarecimento das dinâmicas das relações sociais (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Participaram deste estudo 98 mulheres, estudantes do ensino superior em IES da região Sul do estado de Santa Catarina. Como critério de inclusão utilizamos mulheres, atualmente cursando em uma IES e acima de 18 anos. Como critério de exclusão homens, mulheres egressas das universidades e as que não aceitaram participar da pesquisa de acordo com os Termos de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

Foi utilizado um questionário on-line via plataforma do Google Forms, contendo uma pergunta aberta para identificação da representação social sobre o que é o assédio sexual para a participante, e perguntas fechadas referente a se a participante já vivenciou, se sim quais os tipos vivenciados, se aconteceu apenas uma vez ou se repetiu-se, onde ocorreu, se houve impactos no seu dia a dia e se buscaram acompanhamento psicológico ou outro tipo de ajuda posteriormente. Por fim, foi verificado o perfil sociodemográfico levantando dados como: idade, estado civil, gênero, orientação sexual, curso, profissão atual e raça.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade Esucri e foi obtida aprovação através do parecer nº 6.198.320, assim como a mesma foi pautada seguindo os preceitos éticos da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, constituída pelo Conselho Nacional da Saúde. Segundo esta resolução, a investigação nas ciências humanas e sociais demanda o reconhecimento e a salvaguarda integral dos direitos das pessoas envolvidas, devendo ser planejada, analisada e executada de forma a antecipar e prevenir eventuais prejuízos aos participantes. Com isso, todos os cuidados previstos foram respeitados durante a execução da pesquisa.

O questionário foi divulgado através de redes sociais, por e-mail via parceria com as coordenações das instituições, e WhatsApp através de parcerias com Centros Acadêmicos, ligas acadêmicas e atléticas acadêmicas. Além disso, também foi usado da técnica de bola de neve ou *snowball sampling*, em que uma participante indicou outra potencial participante que se enquadrava nos critérios de inclusão da pesquisa, contribuindo assim para a disseminação do questionário de pesquisa (FLICK, 2009).

Para a análise das respostas qualitativas dos participantes, realizou-se uso da análise de conteúdo categorial que elabora o desmembramento do texto em categorias temáticas para reagrupamento (BARDIN, 2011), enquanto os dados do perfil sociodemográfico foram analisados em forma descritiva.

3 Resultados e discussão

Obtivemos como resultado 127 respostas, contudo, após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram consideradas 98 respostas. A pesquisa foi realizada com 98 mulheres

entre a idade de 18 e 60 anos, destas 75 se autodeclararam brancas, 14 negras e 09 não responderam. Em relação à orientação sexual tivemos a participação de 57 mulheres heterossexuais, 23 bissexuais, 05 homossexuais, 02 pansexuais, 01 demisssexual e 09 deixaram em branco. O estado civil das participantes é composto por solteiras (76), casadas (12) e dez mulheres optaram por deixar em branco.

O público alvo foram mulheres cisgênero⁶, estudantes de Instituições de Ensino Superior (IES), portanto tivemos participação de estudantes dos cursos de psicologia (35), fisioterapia (08), medicina (05), enfermagem (05), ciência da computação (05), odontologia (04), nutrição (04), educação física (04), engenharia de energia (04), arquitetura e urbanismo (03), direito (02), Engenharia de Agrimensura (01), engenharia civil (01), medicina veterinária (01), administração (01), história (01) e 12 mulheres deixaram em branco.

Em relação ao assédio sexual, 68 mulheres afirmaram já ter sofrido essa violência, 24 responderam não e 05 responderam não saber. Dentre as participantes 59 afirmaram que ocorreu mais de uma vez, 12 responderam ter ocorrido uma vez, 05 responderam que não aconteceu, uma respondeu não saber e 22 deixaram a resposta em branco. De modo semelhante, uma pesquisa realizada pelo Instituto Avon em parceria com a Data Popular (2015) ouviu 1.823 pessoas, dentre estas 60% eram mulheres e destas 56% relataram já ter passado por situação de assédio sexual, ressalta-se ainda que 38% dos homens que responderam esta pesquisa reconheceram que já praticaram algum tipo de violência contra suas colegas. Já outras pesquisas realizadas pelo Instituto Datafolha com 1.427 mulheres 10% delas relataram terem passado por algum tipo de assédio sexual no ambiente de escolas e universidades (DE SÁ; FOLRIANI; RAMPAZZO, 2017). Importante ressaltar também que algumas mulheres não reconhecem o assédio sexual como um ato de violência no momento em que ocorre (AMORIM, 2021). Esse dado pode ter interferido na resposta a esta pesquisa, pois alguns participantes deixaram em branco esta opção no formulário ou relataram não saber.

Quanto ao local onde ocorreu a violência, conforme consta na Tabela 1, as participantes relataram ser no trajeto até instituição (22), ambiente público dentro da instituição (21), bar ao entorno da faculdade (17), sala de aula (06) e dezesseis delas optaram por deixar em branco.

Tabela 1

Onde ocorreu o Assédio Sexual

⁶ A cisgeneridade é geralmente compreendida como a condição de indivíduos cuja identidade de gênero corresponde ao gênero atribuído no nascimento, ou seja, pessoas que se identificam com o sexo designado ao nascer (Hining; Toneli, 2023).

| Onde ocorreu? | Quantidade |
|--|------------|
| Trajetos até a instituição | 22 |
| Ambiente público dentro da instituição | 21 |
| Bar ao entorno da faculdade | 17 |
| Em branco | 16 |
| Sala de aula | 06 |

Fonte: da pesquisa.

O mesmo se repete na pesquisa de *Ramos et al.* (2022), em que afirmam que o assédio sexual aconteceu dentro da universidade ou algum local relacionado à universidade, como em estágios, festa de calouros, eventos realizados pela universidade, entre outros. Assim como em um estudo realizado no meio acadêmico da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), houve relatos de insegurança, onde as mulheres temiam serem assediadas sexualmente, em corredores da instituição, estacionamentos, ponto de ônibus, portão de acesso, trotes e festas por conta do assédio sexual (GOMES, 2021).

Esse tipo de violência pode ocorrer de diversas maneiras, nesta pesquisa foram colocadas opções para as participantes selecionarem, as quais poderiam ser acrescidas de novas opções caso as participantes achassem necessário. As participantes desta pesquisa vivenciaram: falas inapropriadas e ofensivas (51), gestos de modo inapropriado e ofensivo (51), ofensas (52), toques (35), passar a mão ou encoxar (36), apalpar (36), forçar beijo (21), segurar o braço (21), impedir saída (12) e 20 pessoas optaram por deixar em branco conforme demonstra a Tabela 2.

Tabela 2

Tipos de assédio sexual vivenciados pelas participantes

| Tipos de assédio | Respondentes |
|--|--------------|
| Ofensas | 52 |
| Falas inapropriadas e ofensivas | 51 |
| Gestos de modo inapropriado e ofensivo | 51 |
| Passar a mão ou encoxar | 36 |
| Apalpar | 36 |
| Toques | 35 |
| Forçar beijo | 21 |
| Segurar o braço | 21 |
| Em branco | 20 |
| Impedir saída | 13 |

Fonte: da pesquisa.

Uma pesquisa realizada pela Datafolha em 2016 também apontou em seus resultados que de 44 milhões de mulheres, 40% das mulheres com mais de 16 anos sofreram assédios dos mais variados tipos, sendo eles: comentários desrespeitosos ao andar na rua (24,6 milhões), assediadas fisicamente em transporte público (5,2 milhões), agarradas ou beijadas sem o seu

consentimento (2,2 milhões) (GUEDES, 2018). Os dados também são corroborados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, os quais são apontados na introdução deste estudo (FBSP, 2023).

Quanto ao impacto na saúde mental, na presente pesquisa 57 mulheres responderam que tiveram, 11 responderam não ter sofrido impacto e 30 optaram por deixar as respostas em branco. Os dados apresentados na Tabela 3 identificam esses impactos como, insegurança (33), ansiedade (06), perda da autoconfiança (06), sentimento de culpa (05), baixa autoestima (04), depressão (01) e fobia social (01).

Tabela 3

Tipos de Impacto na Saúde Mental

| Tipos de Impactos | Respondentes |
|---------------------|--------------|
| Insegurança | 33 |
| Ansiedade | 06 |
| Perda autoconfiança | 06 |
| Culpa | 05 |
| Baixa autoestima | 04 |
| Depressão | 01 |
| Fobia Social | 01 |

Fonte: da pesquisa.

Do mesmo modo, estudantes que participaram de uma pesquisa de dissertação em sociologia realizada no ano de 2021, afirmaram que se sentiram inseguras e com medo em todo o território acadêmico, seja na rua, nos estabelecimentos de lazer noturno ou no campus. Os principais sentimentos relatados foram: insegurança, medo, desconforto, frustração, constrangimento, incômodo, pânico, preocupação, ansiedade e nojo (AMORIM, 2021). Corroborando este dado, Martins (2021) em uma pesquisa qualitativa, realizada em uma Universidade Federal de Campina Grande com 100 acadêmicas do curso de enfermagem, trouxe informações sobre os sentimentos das vítimas após o assédio sexual, sendo eles: medo e ansiedade (29,3%), ficaram caladas e retraídas (21%), sentiram-se impotentes e/ou sentiram-se culpadas (6,8%).

Dentre as participantes da presente pesquisa, 16 mulheres procuraram ajuda, 48 não procuraram ajuda e 34 optaram por deixar em branco. Quanto aos tipos de ajuda foram citadas a psicoterapia (07), denúncia para a polícia (02), acolhimento de familiares (02), denúncia na instituição (01), acolhimento de amigos (01), grupo de apoio para mulheres (02) e 1 participante não especificou o tipo de ajuda, esses dados podem ser visualizados na Tabela 4.

Tabela 4

Tipos de Ajuda

| Tipos de Ajuda | Quantidade |
|----------------|------------|
|----------------|------------|

| | |
|------------------------------|----|
| Psicoterapia | 07 |
| Denúncia para a polícia | 02 |
| Acolhimento de familiares | 02 |
| Acolhimento de amigos | 01 |
| Denúncia na instituição | 01 |
| Grupo de Apoio para mulheres | 01 |
| Não especificado | 01 |

Fonte: da pesquisa.

Gaspar e Pereira (2018) encontraram em seus resultados algo semelhante, onde regularmente as vítimas de violência sexual não buscam acionar a rede de apoio ao passar pelo ato devido o sentimento de culpa e medo, e em alguns casos até pelo desconhecimento do que houve podendo via relatar o ocorrido apenas depois de anos. Segundo Freitas (2001), é incomum instituições de ensino superior brasileiras que possuem ações de incentivo para denúncias e conscientização.

Para compreender as representações sociais das participantes sobre o assédio sexual, os resultados obtidos através da pergunta “o que é assédio sexual para você?” foram agrupados em quatro categorias, as quais são apresentadas neste estudo em uma ordem que didaticamente oferece maior coerência ao texto. A primeira foi nomeada como Tipificações; a segunda como Desrespeito; a terceira como Sentimentos de aversão; e a quarta e última como Naturalização do assédio. As categorias e o número de ocorrências são descritos na Tabela 5.

Tabela 5

Categorização Representação Social do Assédio Sexual

| Categoria | Quantidade |
|--------------------------|------------|
| Desrespeito | 34 |
| Sentimento de aversão | 27 |
| Naturalização do assédio | 20 |
| Tipificações | 15 |

Fonte: da pesquisa.

A primeira categoria intitulada “Tipificações” corresponde as representações sociais das universitárias sobre o que é o assédio sexual e a violência para elas, assim como de quais formas a mesma ocorre. Em suas falas as universitárias deixam explícito o não consentimento com essas ações e as diversas formas que os assédios sexuais podem se manifestar. Como demonstra o relato “seria uma forma de violência psicológica ou física contra uma vítima” (participante 01). Outra participante afirma “qualquer fala, olhar, toque, ou sensação que deixa uma mulher ou qualquer pessoa com desconforto e em situação principalmente com medo, já é assédio sexual para mim” (participante 02). O conceito de assédio sexual surgiu em 1970, para

especificar as experiências vividas por mulheres trabalhadoras que eram vítimas de abuso (AMORIM, 2021), contudo, a representação social sobre o que é assédio pode transformar-se dependendo no coletivo em que o indivíduo está inserido. Na fala das participantes percebemos o reconhecimento do assédio como violência e que o desconforto ou medo da vítima são indicativos suficientes para nomear uma situação como assédio.

A segunda categoria, denominada como “Desrespeito”, apresenta representações sociais que versam sobre a violação da intimidade e a apatia social para o enfrentamento deste crime, conforme pode ser lido nos trechos: “Uma invasão de privacidade” (participante 03), “além do claro desrespeito com o indivíduo que sofre, há uma apatia com os demais indivíduos como um todo, pelo fato de não se importar com o que a assediada sente ou qualquer outra pessoa que a percebe” (participante 04). Ainda que o assédio sexual seja um crime no Brasil, conforme art. 216-A do Código Penal (Decreto-Lei n 2.848, 1940), Bezerra e Clipes (2017) denúncia que ele segue sendo presenciado em diversas relações e ambientes, com pouca efetividade no seu enfrentamento. No estudo de Sá, Folriani e Rampazzo (2017) sobre assédio sexual com mulheres universitárias, as participantes da pesquisa também relatam a sensação de violação de sua intimidade e desrespeito, nesse caso afirmam que os próprios professores universitários também são pessoas que praticam o assédio e que ao buscarem ajuda, acabam sendo incentivadas a não levarem o caso a público para não serem prejudicadas. Além disso, parte das participantes relata já ter visto atos de assédio na universidade contra outras mulheres universitárias.

A terceira categoria “Sentimentos” de aversão possui trechos com representações como sentimentos de nojo, repúdio, contextualizando como uma atitude asquerosa, tendo como exemplo as seguintes respostas: “Nada mais é do que o ato mais repugnante e inaceitável do mundo. Trata-se de uma violação grave dos direitos humanos e da dignidade das pessoas, que causa danos físicos, emocionais e psicológicos profundos às vítimas” (participante 05). Outra participante afirma: “Nojento, repulsivo, uma falta de respeito e de empatia. Além de ser um comportamento normalizado por uma sociedade machista, se revelando muitas vezes de forma sutil, onde até a própria vítima se vê culpada” (participante 06). O sentimento de aversão também é descrito pelas participantes da pesquisa de Santos (2016), que descrevem a sensação de nojo, raiva, impotência e medo. A aversão ao ato torna-se, para as participantes da pesquisa de Santos (2016), uma aversão ao próprio grupo de homens, como se todos eles pudessem ser assediadores em potencial. Além disso, descrevem estratégias para lidar com o assédio que tendem a ser atribuídas como responsabilidade das próprias vítimas, como o uso de roupas

supostamente apropriadas e a rispidez ao tratar os homens. O comportamento feminino como estratégia para o enfrentamento do assédio é também citado na presente pesquisa.

A quarta categoria denominada “Naturalização” do assédio é composta por falas sobre o quanto o assédio sexual é naturalizado no cotidiano das mulheres. Como aponta o seguinte trecho:

Assédio sexual, especialmente às mulheres, é um pesadelo constante, que nos acompanha do despertar e, principalmente, ao dormir, quando ainda assim, não somos poupadas. Crescemos aprendendo a “evitar” e normalizar as aberrações, que, por vezes, vem de quem deveria nos proteger. Vejo o assédio como um crime confortável para quem o pratica, dado a impunidade e o apoio velado que estes criminosos recebem, e também como algo que está longe de reduzir ou ter políticas de melhorias (participante 07).

A partir da fala desta universitária nota-se que a mulher cresce aprendendo a conviver com o assédio sexual, pois, na percepção da participante ele é naturalizado e, até mesmo, legitimado socialmente. Um estudo realizado por Pereira Neto (2020) com estudantes universitários relata que o assédio sexual é naturalizado pela sociedade, e em seus relatos concluem que a raiz dessa violência está no machismo. Outro estudo realizado por Fukuda (2012) fala sobre o assédio sexual ser naturalizado devido ao que se espera socialmente dos homens e das mulheres durante a sedução, onde ele precisa fazer investidas com posturas mais agressivas, enquanto a mulher precisa se fazer de difícil. Assim, reconhece-se a existência de um sistema cultural que legitima, facilita, e até mesmo impulsiona a violência contra a mulher (SAFFIOTI, 2009; SANTOS et al., 2018).

A participante também aponta a responsabilização da própria vítima sobre o assédio e como a norma moral recai sobre ela, e não sobre o autor do crime. Na pesquisa de Santos (2016), quando as participantes afirmam ser necessário o uso de roupas apropriadas ou rispidez com os pares masculinos, assim como a participante desta pesquisa, não emitem essa opinião concordando com este fato, mas como uma forma de autoproteção, já que não acreditam que os próprios autores deixaram por si mesmos de cometer o crime. Fukuda (2012) afirma que existem normas impostas às mulheres no ambiente público e privado, carregadas de representações sociais sobre o que é ser mulher que as posicionam em estereótipos de submissão, feminilidade, maternidade e cuidado. Tais informações, elaboradas e partilhadas socialmente contribuem para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (JODOLET, 2001).

4 Conclusões

O presente estudo buscou compreender as representações sociais sobre o assédio sexual para mulheres estudantes de Instituição de Ensino Superior (IES) e possíveis experiências vivenciadas por elas, através de uma pesquisa com questionário on-line. Deste modo, percebeu-se após aplicação da pesquisa e posterior análise que há presença de assédio sexual nas IES da região sul catarinense, assim como também ocorre, situações de assédio no trajeto para as instituições e nos arredores dela. Em sua maioria, ainda que identifiquem o assédio e relatem tem efeitos prejudiciais em suas vidas, as participantes desta pesquisa tendem a não realizar a denúncia formal do ocorrido. Assim como percebeu-se que as representações sociais das mulheres são baseadas em suas experiências, mas também em suas compreensões em relação à construção social das masculinidades e feminilidades.

A insegurança após a situação de assédio foi a consequência com maior número de ocorrências, e demonstra a necessidade urgente de projetos reflexivos com os homens, voltados para a desnaturalização do assédio. Ainda que as instituições de segurança pública possam ter um papel importante no enfrentamento desta violência, o assédio pode ser demonstrado através de palavras ou gestos sutis, os quais podem levar a própria vítima a ter dificuldade de identificá-lo. Portanto, a punição de tais atos não é o suficiente, faz-se necessário políticas psicoeducativas que o desnaturalize.

Ademais, o assédio sexual é algo que se ancora na cultura patriarcal, nos modelos de masculinidades ensinados aos homens desde a mais tenra infância que os fazem adotar gestos sexistas em relação as mulheres como forma de demonstrar sua virilidade. Desconstruir uma cultura patriarcal passa por intervenções que compreendam como as representações sociais de gênero são formadas e como representações sociais menos sexistas, incorporadas por alguns grupos, podem contribuir para a ampliação do debate e transformação social.

Os resultados encontrados nesta pesquisa contribuem para despertar a necessidade de olharmos para as instituições de ensino superior como espaços que além de educativos, também podem ser de locais de violência contra mulheres. As instituições, portanto, devem estar atentas a este fenômeno e ofertar espaços de prevenção e conscientização, assim como de acolhimento para as vítimas. Recomenda-se que novas pesquisas possam ser realizadas sobre o tema, com um público maior, e novos recortes, como a inclusão de participantes homens.

Referências

- AFONSO, E. R. **Efeitos de denúncia de assédio sexual em ambiente digital**: uma análise discursiva. Dissertação - Universidade Federal do Maranhão, 2023. Disponível em: <<https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/4724>>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- ALMEIDA, A. M. O.; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE, Z. A. **Teorias das Representações Sociais**: 50 anos. Brasília: TechnoPolitik, 2014.
- AMORIM, C. M. N. **“Muitas vezes, nós não dizemos nada”**: representações, percepções e incidência do assédio sexual entre estudantes da Universidade do Minho. Braga: Universidade do Minho, 2021. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/1822/74251>>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BEZERRA, A. C.; CLIPES, M. O crime de assédio sexual no âmbito das instituições de ensino superior. **Revista Dimensão Acadêmica**, v. 2, n. 2, 72-91, jul-dez 2017.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 02 fev. 2024.
- BRASIL. **Decreto-lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. Código Penal. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 07 dez. 1940.
- COUTO, M., P. (2000). Serge Moscovici e Roger Chartier: Aproximações e distanciamentos das representações. **Psique**, v. 10, n. 16, p. 67-86, maio 2000.
- DE SÁ, B. S.; FOLRIANI, M. D.; RAMPAZO, A. V. Assédio sexual: o poder do macho dentro da universidade. **Estudos de administração e sociedade**, v. 2, n. 3, p. 22-31, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistaeeas/article/view/27415>>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- DIOTTO, N.; PIRES, T. D.; SOUTO, R. B. A (des)igualdade de gênero e o feminicídio: A evolução sociocultural da mulher e os reflexos da dominação patriarcal. **Derecho y Cambio Social**, s.n., 1-19. Disponível em: <[https://www.derechocambiosocial.com/revista047/A_\(DES\)IGUALDADE_DE_GENERO%20.pdf](https://www.derechocambiosocial.com/revista047/A_(DES)IGUALDADE_DE_GENERO%20.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2023.
- FBSP. **Visível e invisível**: a vitimização de mulheres no Brasil. 4a ed. Brasília: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FREITAS, M. E. D. Assédio moral e assédio sexual: faces do poder perverso nas organizações. **ERA Revista de administração de Empresas**, v. 41, n. 2, p. 8-19, abr-jun 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rae/a/HNXHh6S9yzbZYPgP3mg6Djw/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- FUKUDA, R. F. Assédio Sexual. Uma releitura a partir das relações de gênero. Simbiótica. **Revista Eletrônica**, v. 1., n. 1, p. 119-135, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.47456/simbitica.v1i1.4512>>. Acesso em: 12 dez. 2023.
- GASPAR, R. S.; PEREIRA, M. U. L.. Evolução da notificação de violência sexual no Brasil de 2009 a 2013. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n.11, 2018. Doi: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00172617>
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4a ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, M. Assédio sexual no meio universitário: formas de resistência e mobilização. **Áskesis-Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar**, v. 10, n. 2, p.

150-172, jul-dez 2021. Disponível em: <

<https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/590/404>>. Acesso em: 12 jan. 2024.

GOMES, N. P. et al. Profissionais de saúde significando a permanência da mulher na relação de violência conjugal. **Rene**, v. 14, n. 3, p. 558-567, 2013. Disponível em:

<<https://www.redalyc.org/pdf/3240/324027991012.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2024.

GOMES, R.; MINAYO, M. C. S.; SILVA, C. F. R. **Violência contra a mulher: uma questão transnacional e transcultural das relações de gênero**. in: sOUZA, e. r.; MinAYO, M. C. s. (Org.). Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Brasília: Ministério da saúde, 2005. p. 117-140.

GUEDES, K. C. D. (2018). **O assédio sexual não existe ou é silenciado?** A invisibilidade do assédio sexual no ambiente universitário. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) - Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2018.

HINING, Ana Paula Silva; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. “Cisgeneridade: um operador analítico no transfeminismo brasileiro”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 31, n. 1, e83266, 2023.

IBGE. **Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil**. 3a ed. Brasília: IBGE, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102066_informativo.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2024.

INSTITUTO AVON; DATA POPULAR. **Violência contra a mulher no ambiente universitário**.

São Paulo: FSB Comunicação, 2015. Disponível em: <

https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/406/2018/11/Pesquisa-Instituto-Avon_V9_FINAL_Bx-2015-1.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2024.

JODELET, D. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In: JODELET, D. (Org.). As representações sociais. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 17-41.

LUZ, D. S.; NUNES, J. N.; PACHECO, A. D. C. O. Assédio sexual contra mulheres no ambiente de trabalho: consequências psicológicas. **Revista Arquivos Científicos (IMMES)**, v. 5, n. 2, p. 1-9, 2022. Disponível em: < <https://arqcientificosimmes.emnuvens.com.br/abi/article/view/537>>. Acesso em: 30 nov. 2023.

Martins, A. M. **Assédio sexual em contextos universitários: um levantamento sobre assédios sexuais e suas decorrências em uma universidade da Grande Florianópolis**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - UniSul - Universidade do Sul de Santa Catarina, 2021.

MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes: 2012.

OLIVEIRA, J. M. **Desobediências de Gênero**. Salvador: Devires, 2017.

PAMPLONA FILHO, R. (2009). Assédio sexual: questões conceituais. **Revista do CEPEJ**, v. 10, p. 23-45. Disponível em: < <https://periodicos.ufba.br/index.php/CEPEJ/article/view/37530>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

PEREIRA NETO, D. S. **Afinal o que é o Assédio Sexual?** As representações dos/as estudantes da Universidade de Coimbra relativamente ao Assédio Sexual. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2020. Disponível em: < <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/94650>>. Acesso em: 20 out. 2023.

RAMOS, W. T. S. et al. “Não é não!”: situações de assédio sexual vivenciadas por acadêmicas de Enfermagem. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 11, p. e422111133210, 2022. Disponível em: < <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/33210>>. Acesso em: 15 jan. 2024.

RAMOS, W. T. S. **O assédio sexual entre os muros da universidade: investigando situações vivenciadas por acadêmicas de enfermagem**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Campina Grande, 2019. Disponível em:

<<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/8241/3/WESLAINE%20THALITA%20SIL>

VA%20RAMOS%20-

%20TCC%20BACHARELADO%20EM%20ENFERMAGEM%20CES%202019.pdf>. Acesso em: 20 out. 2023.

ROCHA, L. F. Teoria das representações sociais: a ruptura de paradigmas das correntes clássicas das teorias psicológicas. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 34, n. 1., p. 46-65, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/wrWbcH7fPm37DBzk6x4JmKK/>>. Acesso em: 23 fev. 2024.

SAFFIOTI, H. I. B. **Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres**. Brasil: FLACSO, 2009.

SANT'ANNA, T. C.; PENSO, M. A. A Transmissão Geracional da Violência na Relação Conjugal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 33, n. 1., p. e33427, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/YNYtcz4CJmnn7qgB3LpbSVM/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SANTOS, M. C. (2016). Corpos em trânsito: um estudo sobre o assédio sexual nos transportes coletivos de Aracaju. In: Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, 5., 2016. Bahia. **Anais**. Bahia: Revista Enlaçando, 2016.

SANTOS, W. J., et al. Violência Doméstica Contra a Mulher Perpetrada por Parceiro Íntimo: Representações Sociais de Profissionais da Atenção Primária à Saúde. **Revista de Pesquisa Cuidado e Fundamental online**, v. 10, n. 3, p. 770-777, 2018. Disponível em: <<http://ciberindex.com/index.php/ps/article/view/P103770>>. Acesso em: 13 dez. 2024.

SCOTT, J. **Gender: a useful category of historical analyses**. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press, 1989.

SILVA, L. R. D. **Aspectos do Assédio Sexual e suas Consequências**. Goianésia-GO: FACEG, 2020.

TAVARES, F. M. S.; NERY, D.C.M.S.; MARTINS, D.A.M.S. Assédio moral e assédio sexual: relações de gênero e representações sociais. **Anais do Encontro dos Acadêmicos do Curso de Letras e Seminário de Língua Inglesa (ENAL E SELI)**, v. 1 n. 1, 2018. Disponível em: <<https://www.anais.ueg.br/index.php/enaleseli/article/view/10801>>. Acesso em: 13 dez. 2024

ZORZO, A.; SOLDATTI, H.; SOLDATTI, A. J. Assédio moral e sexual no ambiente de trabalho. **Revista Tecnológica da Fatec Americana**, v. 8, n. 1, p. 13-20, 2020. Disponível em: <<https://fatec.edu.br/revista/index.php/RTecFatecAM/article/view/219>>. Acesso em: 23 nov. 2023.